

CONSELHO NACIONAL DE PESQUISAS

INSTITUTO NACIONAL DE PESQUISAS DA AMAZÔNIA

BOLETIM DO MUSEU PARAENSE EMILIO GOELDI

NOVA SÉRIE

BELÉM — PARÁ — BRASIL

ANTROPOLOGIA

N.º 8

JANEIRO DE 1960

ÁREAS CULTURAIS INDÍGENAS DO BRASIL; 1900-1959 *

EDUARDO GALVÃO

Museu Goeldi

Na medida que os estudos de etnologia brasileira mostram um deslocamento de ênfase monográfica sôbre grupos tribais indígenas, para problemas de ordem comparativa, sobretudo os que dizem respeito a processos de aculturação e de mudança de cultura, acentua-se a necessidade de classificações culturais em perspectivas mais amplas e mais exatas que as atualmente usadas.

Por algum tempo foi aparentemente satisfatória a classificação de tribos indígenas em grupos linguísticos, em que estava implícita, pelo menos em relação aos phyla principais, também a faceta cultural. É ainda usado na etnografia brasileira o clássico esquema linguístico — Tupis, Caribes, Aruaques, Jês e Isolados, como significando também tipos de cultura diversos. Fala-se de uma “cultura Tupi” em contraposição a uma “cultura Aruaque” ou “Caribe”.

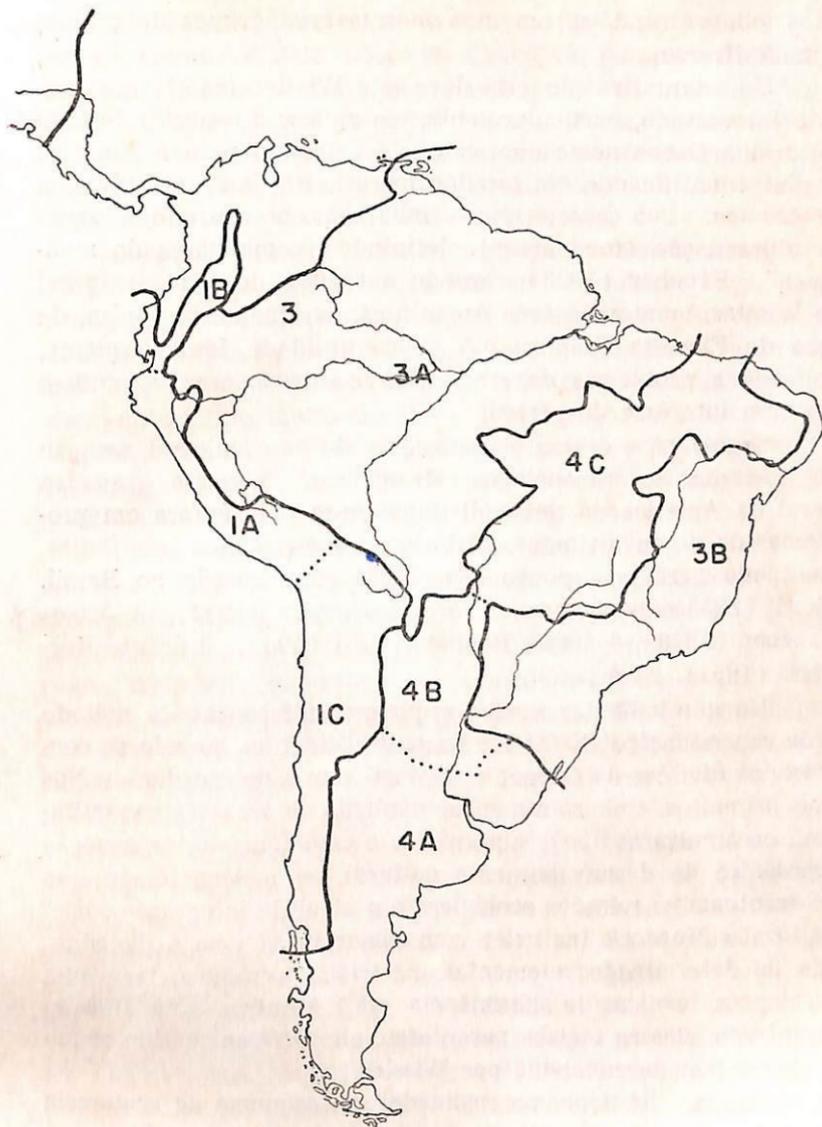
(*) Comunicação apresentada à IV Reunião Brasileira de Antropologia, julho de 1959, Curitiba.

Havia e há certa razão nesse proceder (**). Não obstante a consciência da deformação do critério linguístico ser usado como definidor de configuração cultural, o fato de alguns desses grupos linguísticos se distribuírem por faixas geográficas de ocupação exclusiva, contribuiu para essa identificação entre língua e cultura. É o caso dos Tupis que ocupavam, ao tempo da descoberta, o litoral de sul a norte, em contraste com os Jê do interior, que ainda hoje dominam extensa área dos Estados do Maranhão, Goiás e Pará, praticamente sem intrusão de outros grupos. Menos verdadeira dado a distribuição geográfica mais irregular era ou é a identificação da cultura aruaque e da caribe. Não obstante são comuns os estereótipos do aruaque como “civilizador”, hábil ceramista, tecelão e agricultor, e do caribe guerreiro e desbravador.

Essa classificação que já trazia um vício de origem, e a que pouco ajudava a ausência de ensaios de maior amplitude que os de Métraux (Tupi) e Max Schmidt (Aruak), não poderia funcionar como instrumental na taxonomia etnológica. Seu uso, entretanto, persistiu porque os etnólogos brasileiros, mais preocupados com o estudo individualizado de tribos indígenas e um tanto avessos a generalizações, não buscavam encontrar uma base sistemática comparativa. Quando o faziam, o foco de interesse residia na difusão de determinados traços de cultura.

O conceito de área cultural, desenvolvido principalmente pelos antropólogos norte-americanos, oferecia certas dificuldades em sua aplicação às culturas indígenas do território brasileiro. Além da falta de informação factual sobre um grande número de tribos, acrescia o fato de que os remanescentes indígenas, por força da expansão luso-brasileira tiveram seus territórios redu-

(**) Em sua comunicação à IV Reunião da A. B. A., Matoso Câmara Jr. (MS 1959), apoiando-se em Greenberg (1957), salienta o interesse de um tipo de classificação utilizado na moderna linguística, o *areal*, dado a “evidente correlação entre áreas linguísticas, assim obtidas, e as áreas culturais, pois umas e outras decorrem de influências de contacto, e os critérios linguísticos, que serviram para o estabelecimento de um grupo areal de línguas, pode ser utilizado pelo antropólogo, ao lado dos seus critérios não-linguísticos, para determinar uma área cultural”.



Mapa 1 — Áreas culturais segundo Kroeber (1948:792)

Área de Floresta Tropical

3A Amazônica

3B Sudeste

Marginal

4A Marginal extremo

4B Chaco

4C Marginal interno

zidos, concentrando-se em uma mesma área grupos de origem a mais diversa.

Uma tentativa pioneira deve-se a Wissler (1922) que embora interessado, particularmente, em aplicar o conceito de área cultural a tribos norte-americanas, o estendeu para a América do Sul, identificando em território brasileiro uma única área, a *Amazônica*. Sua caracterização tinha apoio no conceito de áreas de alimentação (food areas), definindo-a como "área da mandioca". Kroeber (1923), fazendo a revisão do esquema geral de Wissler, manteve a área Amazônica, designando-a, porém, de área da Floresta Tropical. A pouca utilidade desse esquema, aplicado a problemas de etnografia brasileira, era flagrante e nenhum interesse despertou.

Seguiram-se outras classificações de base cultural, sempre de iniciativa de antropólogos estrangeiros. Visavam o quadro geral da América do Sul e distinguiam-se pela ênfase em problemas de desenvolvimento histórico das sociedades ameríndias. De modo geral são pouco específicas com relação ao Brasil. Stout (1938) estabelece 11 áreas; Cooper (1942), 3 áreas; Kroeber (1948), 4 áreas; Bennet e Bird (1949), 3 áreas; Murdock (1951), 24 áreas.

Há que salientar nesses esquemas, diferenças de método e de conceituação. Estas são bastante evidentes quando se contrasta as divisões de Cooper e Steward com a de Murdock. Nos dois primeiros, embora a menção explícita de áreas (áreas culturais, área cultural tipo), superpõe-se a êsse conceito, uma noção diacrônica de desenvolvimento cultural, ao mesmo tempo que se acentuam as relações ecológicas e o nível de integração sócio-cultural. Murdock faz valer com maior insistência a distribuição de determinados elementos materiais (cerâmica, trançado, tecelagem, técnicas de subsistência, etc.) e outros como filiação linguística, classes sociais, parentesco, etc. Nesse sentido segue a abordagem desenvolvida por Wissler.

Cooper objetivou, na realidade, um esquema de sequência cultural. *Sierral* (planalto andino), *Silval* (Amazonas-Orenoco) e *Marginal* (faixa campestre), embora designação de áreas, indicam níveis de desenvolvimento. Os povos de cultura *Marginal* incluem além das tribos Jê (provisoriamente), os Botocudo,

Masakali, Pataxó, Puri e outros grupos do Leste brasileiro, os Bororo, Guató, Guaiaki, povos do Chaco, do Pampa e da Patagônia, considerados "externamente marginais" às áreas *Sierral* e *Silval*. Outros grupos como os Yaruro, Maku, Xiriana, Waika e Mura, são classificados como "internamente marginais" da área *Silval*. Esse autor aventa a possibilidade de considerar-se os grupos Jê como do tipo *Silval* em regressão.

Cooper reconhece como uniformidades básicas nos grupos marginais, traços que podem assim ser resumidos: caça, pesca e coleta. *Horticultura* ausente ou rudimentar. Ausência de animais domésticos, exceto o cão. Geralmente, ausência de estimulantes (álcool, tabaco, coca). Cerâmica frequentemente ausente ou de tipo muito simples. Tecelagem ausente. Abrigos simples, dormida no chão (esteiras ou peles). Arcos excepcionalmente longos. Ausência de canibalismo. Monogamia ou poliginia simples. Unidade social básica, a banda.

Os povos de cultura *Silval*, incluindo a maior parte das tribos da floresta amazônica, caracterizam-se pela *horticultura* (mandioca, milho e batatas) e presença da maioria dos traços apontados como negativos para os do tipo *Marginal*. Cooper reúne material comparativo que considera suficiente para definir este tipo como mais antigo que o *Silval*. Destaca os chamados elementos culturais pan-americanos, encontrados na América do Sul, ausentes na área *Silval*, que reaparecem na América do Norte.

Steward amplia o esquema de Cooper, superpondo ao conceito de área, um outro mais generalizado, o de *tipos*, que exprime níveis de integração sócio-cultural. Na base desse conceito redefine as áreas *Silval*, *Sierral* e *Marginal*, em termos de Tipo Floresta Tropical, Tipo Andino e Tipo Marginal, e inclui um novo tipo, o Circum-Caribe. Aprofunda a relação cultura-ambiente, chamando, entre outros fatos, atenção para as diferenças em recursos para subsistência entre linhas de praia e territórios interiores, as quais atuam como determinantes de densidade de população e incidem nos padrões sócio-políticos.

Sua classificação tem como base a ocorrência, distribuição e integração de padrões sócio-econômicos e religiosos. Relega a segundo plano, elementos culturais tomados isoladamente, por-

que “muitos destes são variáveis independentes. Sua distribuição é dissonante com aquela dos padrões sócio-políticos e religiosos, e ocorrem em padrões bastante diferentes. Eles constituem os materiais de construção da cultura, sem afetar grandemente a sua arquitetura” (Steward, 1949, V:671).

Como o de Cooper, esse esquema tem uma inferência de desenvolvimento cultural no sentido que “algumas instituições e práticas precederam necessariamente a outras, mas não é um esquema unilinear... uma forte tradição histórica difundiu certas instituições sócio-políticas e provavelmente algumas tecnologias através de considerável parte da América do Sul, mas a aceitação e “patterning” de tais instituições foi sempre contingente com as pontencialidades locais” (Steward, 1949, V:674).

Dentro desses “tipos” de cultura, reconhece a necessidade de subdivisões apresentadas em áreas:

TIPO FLORESTA TROPICAL

Guianas — considerado o centro de dispersão por incluir o maior número de traços característicos. Com três possíveis subdivisões.

- a) costeira
- b) savana-montanhosa
- c) amazônica

Amazonas Noroeste — Tukanos Orientais e seus vizinhos de região Uaupés-Caquetá. Witotos, Tukuna e provavelmente Yurimagua (mais ou menos marginais em sua tecnologia).

Mura — Cultura material pobre (descritos como nômades sem agricultura). Alguns traços distintivos na organização social e religiosa.

Juruá-Purus — constituída por um bloco de tribos Pano, Aruak e Katukina.

Tribos Tupi — Três sub-grupos:

- a) Tupinambá e Guarani
- b) pequenas tribos do baixo Tocantins
- c) tribos do Tapajós e Madeira. Os Tupi do Solimões são classificados dentro da área Montaña.



Mapa 2 — Divisões culturais segundo Steward (1948:884)

1 — 6: Culturas básicas da Floresta Tropical

1 — Guianas

3 — Montanha

5 — Mojos-Chiquitos

A, B — Sub-marginais

I a III - Marginais

2 — Amazonas Noroeste

4 — Juruá-Purús

6 — Tupi

A) — Marginais Ocidentais

B) — Mura

I) — Marg. Internos da Guiana

II) — Marg. do Noroeste

III) — Marginais meridionais (Am.)

Mojos-Chiquitos e Montaña, duas áreas de interesse incidental para a etnologia brasileira.

TIPO MARGINAL

Tribos marginais da periferia meridional da Amazônia. Grupos dos afluentes e cabeceiras dos rios Tocantins, Xingu, Tapajós, Madeira e Guaporé — Carajá, Tapirapé, Alto Xinguanos, Nambikwara, Bororo, tribos Jê, Guajá e Tenetahara.

Marginais internos da Guiana. Cabeceiras meridionais do Orenoco e setentrionais do Negro — Xiriana, Waika, Guaharibo. Auake, etc.

Marginais do Noroeste Amazônico. Em território brasileiro incluem talvez os Catapolitani, Huhuteni (Hohodene) e alguns grupos de possível origem Maku assimilados pelos aruaks.

Marginais Ocidentais. Dois grupos — a) margem norte do Marañon até o Putumaio; b) Panos e Aruaks no Ucaiale, Madre de Dios e Juruá-Purus.

Mesmo levando em conta, o fato que uma classificação apoiada em níveis de integração sócio-cultural divirja de outra que acentua a difusão contígua de traços e complexos culturais, o esquema tal como apresentado mostra certa incongruência. Assim o enquadramento de tribos tupis em um único grupo ou área, onde embora implícita a distribuição mais ou menos contínua de parte dessas tribos, o critério definidor é o linguístico. A área Mura, de fato uma tribo de grande mobilidade, porém sobre cuja cultura se conhece muito pouco (cf. Nimuendaju, 1948:257), não pode ser tomada como tal. Os Marginais, especialmente os da primeira subdivisão ou área reúnem tribos de caracterização bastante diversa. Haja visto o marcado contraste entre os Tenetehara, da floresta maranhense, os Timbira da chapada sul do Maranhão, os Kaiapó dos campos entre o Tocantins e o Xingú, os Xinguanos das cabeceiras deste rio e os Nambikuara do norte de Mato Grosso. O próprio autor refere-se à heterogeneidade desses grupos, reunindo-os, porém, pelo fato

de diferirem das demais tribos sul americanas em termos de ausência de traços culturais como a agricultura, tecelagem, tipos mais complexos de trançado, canoas, etc., presentes naquelas (cf. Steward, 1949:671-2). Com raras exceções (entre elas, Bororo e Guajá) os grupos mencionados possuem em maior ou menor grau uma forma de cultivo, e esta diretamente relacionada com as potencialidades da área geográfica que habitam, em que predomina a floresta, a mata ciliar ou o campo-cerrado. Do ponto de vista de padrões sócio-culturais compare-se a família bilateral, extensa, dos Tenetehara e Xinguanos, com a organização dual dos Timbira e Kaiapó e as bandas Nambikuara. Da mesma forma é considerável a diferença de sistemas religiosos e desenvolvimento do xamanismo.

Revisada essa classificação no sentido de melhor delimitação etnológica das diferentes tribos, e se possível, ampliada com a inclusão de um terceiro "tipo", intermediário entre a Floresta Tropical e o Marginal, resultante de dois fatores principais, um de ordem aculturativa em que grupos do último tipo teriam assimilado elementos do primeiro, o outro de natureza adaptativa, i. e. desenvolvimento de uma tecnologia especializada a determinadas paisagens geográficas (*), ela atende a problemas de ordem geral comparativa e de desenvolvimento cultural no âmbito continental. Entretanto, como instrumento efetivo de uma taxonomia cultural para indígenas brasileiros, é demasiado generalizada.

Um esquema mais recente, e mais aproximado da conceitualização tradicional de área cultural, é o de Murdock (1951). Esse autor critica as tentativas anteriores em dois pontos bási-

(*) Um exemplo desse tipo intermediário nos é sugerido pelos Timbira Orientais e Kaiapó. São índios do campo e do cerrado, porém cuja subsistência depende em grande parte do cultivo de roçados em matas de galeria. Possuem aldeias de certa permanência e uma tecnologia especializada ao ambiente campestre. Durante parte do ano reúnem nas aldeias população superior ao comum das modernas sociedades do tipo Floresta Tropical. Os Canela até poucos anos atrás somavam 400 indivíduos em uma aldeia, os Xavante (Xerente) cerca de 600, os Kubenkrankegn, pouco mais de 400, e segundo informação da IR 2, do SPI, um grupo Kaiapó do Iriri reunia mais de 700 pessoas em sua aldeia-base.

cos: a variação na qualidade dos dados etnográficos e a classificação com apoio em critérios negativos (ausências). Propõe outros critérios que abaixo são resumidamente enumerados:

filiação linguística
técnicas de subsistência
animais domésticos e plantas cultivadas
participação dos sexos na agricultura
cerâmica, tecelagem e trançado
tipo de habitação
classes sociais, instituições políticas
casamento, parentesco

Na base desses elementos de diagnose, distingue para a América do Sul 24 áreas, destas, 11, incluindo território e tribos brasileiras (Murdock, 1951 b : 133, 55).

Taboleiro Oriental	— Guarani, Tupi (São Francisco), Tupinambá.
Atlântica	— Kaingang, Maxakali, Aweikoma, Botocudo, Kamaka, Guataka, Gueren, Pataxo, Puri.
Goiana	— Akroa, Apinayé, Bororo, Karajá, Kariri, Kayamo, Kaiapó, Coroa, Fulnio, Jeiko, Opaye, Xakriaba, Xerente, Suya, Tapirapé, Tarairu, Teremembe, Timbira.
Paraense	— Amanaié, Apiaka, Arara, Kawahyb, Guaja, Maué, Munduruku, Tenetehara.
Xinguana	— Arawine, Aueto, Bakairi, Nambikwara, Turmaí, Waura, Yaruma.
Boliviana	— Arikem, Xapakura, Xane, Peressi.
Juruá-Purús	— Amahuaka, Kaxinaua, Katukina, Ipurina, Maioruna, Mura, Paumari, Iamamadi, Iuma.
Amazônica	— Kokama, Manao. Omagua, Wairaku, Yurimagua.
Caquetá	— Achagua, Baniwa, Betoí, Tukano, Tukuna.
Savana	— Auaké, Puinave, Guahibo, Maku, Xiriana.
Guiana	— Apalaí, Aruak, Arua, Barauna, Kamarakoto, Karib, Emerillon, Makuxi, Palikur, Ru'kuyen, Taulipang, Waiwai, Wapixana, Yekuana.



Mapa 3 — Áreas culturais da América do Sul. Segundo Murdock (1951:134)

Nesse esquema algumas áreas carecem de melhor definição. Isso se deve, como aponta Rowe (1953:52), à falta de informação sobre várias tribos e a diferenças de data e de qualidade das fontes de informação e inconsistência na aplicação dos critérios definidores. A tendência, comum às várias classificações, em utilizar com pouca discriminação descrições históricas das primeiras etapas de ocupação juntamente com dados atuais, resulta em situar no mesmo horizonte diferentes estágios de aculturação e de mudança cultural. Ambas, a distribuição geográfica e a caracterização etnológica ficam prejudicadas.

Veja-se, por exemplo, na classificação de Murdock a excessiva extensão de áreas como a Goiana, a Paraense e a das Guianas, ao mesmo tempo que a inclusão de tribos históricas e atuais num mesmo quadro o que dificulta a definição da área, seja do ponto de vista geográfico, seja do cultural. Mas essas são dificuldades dificilmente superáveis em qualquer esquema de longo alcance histórico.

A própria arqueologia, que em outras áreas, como a andina, permitiu a Bennet (1949) definir províncias culturais num espaço e num tempo que vai muito além da informação histórica — as “co-traditions”, é muito mal conhecida para a maior parte das regiões brasileiras. Há que considerar também a natureza da cultura das florestas e dos campos, ambas dotadas de grande mobilidade. Contudo já se apontam alguns resultados que poderão orientar classificações futuras. Entre eles, os obtidos por Meggers e Evans (1955) que demonstram que as Guianas dificilmente podem ser consideradas um centro de dispersão do Tipo Floresta Tropical, como supôs Steward.

Uma classificação de áreas culturais indígenas em território brasileiro, terá, a nosso ver, que proceder por etapas. Em primeiro lugar torna-se necessário um levantamento das tribos remanescentes numa base temporal definida. O espaço entre 1500 e 1950 é demasiado amplo. Mudanças de toda a sorte ocorreram, e se não levadas em conta, prejudicam o quadro comparativo. Lembramos o exemplo da caracterização da Área das Planícies, na América do Norte, definida a princípio por Wissler como constituída essencialmente de tribos nomádicas, as quais se apropriando do cavalo introduzido pelos europeus, teriam

desenvolvido um tipo de cultura peculiar. Strong (1933) na base de investigação arqueológica demonstrou a existência anterior de um horizonte agrícola, abafado já em tempos históricos pelos nômades-cavaleiros, que ampliada a sua mobilidade, deixaram a periferia da área para ocupá-la totalmente, absorvendo e dominando os primitivos agricultores. A delimitação de épocas históricas concorreria também para uniformização e seleção das fontes de informação. As reconstituições culturais teriam, assim, base mais sólida.

Em segundo lugar e dependente de período escolhido, torna-se mister, mesmo em caráter tentativo, a definição da situação de contacto das tribos selecionadas como representativas da área. *Contacto interno*, isto é, relações inter-tribais e sua resultante aculturativa, e *contacto externo*, entre as sociedades tribais e a sociedade nacional, igualmente indutor de mudanças.

Na base de informações históricas e atuais, algumas tribos têm sido descritas sem levar em consideração o fenômeno de aculturação inter-tribal, somente possível de observar, quando o pesquisador passa da investigação individualizada de tribos para a comparativa de áreas. Esse processo ocorreu em tempos passados e continua operando no presente. Na região do Rio Negro, grupos Maku, Tukano e Aruak integraram seus elementos culturais numa configuração nova. Distinguir entre um tipo Floresta Tropical (Tukano e Baniwa) e um tipo Marginal Interno (Maku), nos dá tão somente uma inferência histórica de ocupação ou povoamento, mas muito pouco de penetração em fenômenos de dinâmica cultural. Frickel (1959), refere-se ao mesmo fenômeno, observado entre grupos Karib da Guiana. Tribos ou grandes sibs, da mesma família linguística (caribizados?), habitando território contíguo, se apresentam em diferentes fases culturais, as de nível mais simples em processo de aculturação pelas mais desenvolvidas. Mais significativo que a contagem e a caracterização de "ausências" nesses grupos mais simples, é o processo geral de difusão, aculturação e integração que aí se opera. Poderíamos ainda citar o caso do alto Xingú, onde tribos de origem, história e língua diversas se nuclearam em uma área cultural, facilitando o processo aculturativo inter-tribal, o fenô-

meno que chamamos de “compressão cultural” (Galvão, 1953:10), efeito indireto da expansão de frentes pioneiras nacionais sôbre êsses grupos.

Do ponto de vista de contactos externos, é necessário além de definir a situação de contacto, esclarecer a sua natureza. Utilizamos para isso aquelas categorias delineadas por Darcy Ribeiro (1957:7 a 14), grupos isolados, grupos de contacto intermitente, de contacto permanente e integrados. Igualmente, se faz mister, caracterizar a manifestação regional de um dos tipos de frente pioneira nacional, a extrativa, a pastoril e a agricultora e seus efeitos diferenciais no processo aculturativo.

A partir do século XVII, quando se firmaram os contactos entre colonos e indígenas, a distribuição espacial dêstes, a sua configuração cultural e a sua densidade demográfica foram bastante modificadas. É bastante atentar para os espaços vazios de ocupação indígena ao longo da faixa litorânea, ou das margens do Amazonas e do curso médio e baixo de seus afluentes. A falta de documentação torna precária a tarefa de reconstituir a cultura tradicional de grupos hoje já integrados ou extintos. A redução da população de quase dois milhões de índios, ao tempo da descoberta, para pouco menos de cem mil, nos dias de hoje, levou igualmente a profundas modificações no contexto das sociedades tribais remanescentes.

Levando em conta o exposto acima, tentamos uma divisão de áreas culturais numa base temporal limitada entre 1900 e 1959, a mesma utilizada por Ribeiro em seus estudos já mencionados. Não se trata de relegar a um plano secundário, as fontes históricas e os processos de mudança cultural a longo têrmo, ou afirmar a impossibilidade de um esquema de maior alcance no tempo. Queremos acentuar a necessidade de estabelecer uma primeira etapa na classificação e caracterização de áreas culturais. Esclarecido o quadro atual, conexões e inferências históricas poderão ser tentadas para aprofundar a perspectiva temporal e espacial.

O esquema desenvolvido neste trabalho preliminar, não representa uma nova classificação, mas sim uma adaptação das

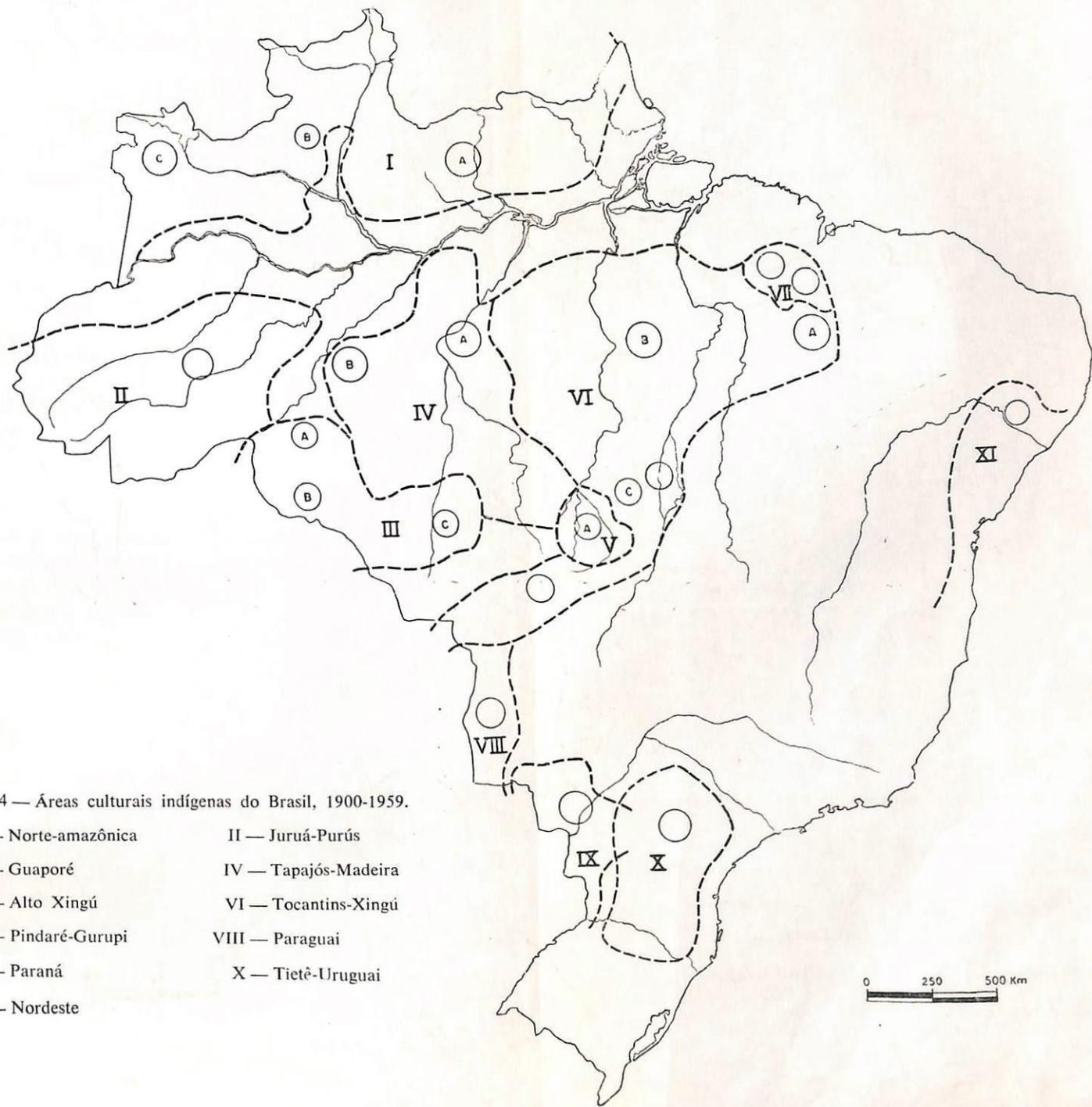
divisões elaboradas por Steward e Murdock. Houve relocação de alguns grupos e mudança no delineamento de várias áreas. Como critério determinante, demos ênfase à distribuição espacial contígua de elementos culturais, tanto os de natureza ergológica como os de caráter sócio-cultural. Embora em uma descrição sumária, não coubessem detalhes específicos relativos ao ambiente geográfico de cada área, êstes foram levados em consideração. Igualmente importante é a definição da situação de contacto (*) e do contexto cultural das frente pioneiras nacionais. Consideramos da maior significação enfatizar a ocorrência de fenômenos de aculturação inter-tribal. Exceto por Ribeiro (1957:58), os vários autores mencionados deixam de discuti-los explicitamente. Seu estudo é essencial para a compreensão da dinâmica, e dos processos de integração de elementos culturais, em uma área ou configuração regional. É pouco satisfatória, especialmente com relação às áreas amazônicas a divisão estanque em "tipos", quando o processo que se observa é o encontro de culturas, e o de absorção de grupos considerados "marginais";

As onze divisões apresentadas, constituem grandes áreas cuja sub-divisão é sugerida com maior ou menor especificidade, por outros de configuração mais complexa, da mesma área.

segundo os dados etnológicos a nosso dispor. A inclusão de alguns grupos nessas áreas poderá parecer arbitrária. Assim, por exemplo, a classificação dos Karajá na área Tocantins-Xingu, em que predominam elementos Timbira-Kaiapó. Ao invés de considerar os primeiros como "atípicos", ou isolá-los numa província autônoma, achamos que além de possuírem alguns traços em comum, representam uma especialização a um setor do ambiente geográfico, o rio Araguaia.

(*) Para qualificar os tipos de contacto externo, utilizamos as mesmas categorias de Ribeiro (1957:7 ss.): *isolados* (contactos acidentais); *intermitentes* (relações ocasionais); *permanentes* (contactos diretos e permanentes); *integrados* (índios incorporados como mão de obra ou produtores especializados).

ÁREAS CULTURAIS	NÚCLEOS	TRIBOS
I — <i>Norte-Amazonica</i>	A	Parukoto-Xaruma, Warikyana. Pianokó- ró-Tiriyó, Urukuyana, Aparai (karib) Geste — Makuxi, Taulipang (karib) Leste — Oiampi, Emerioa (tupi) Palikur (aruak) Galibi (karib) Norte — Kalina Waiwai (karib)
	B	Xirianá, Waiká, Waharibo, Pakidai (Xi- rianá)
	C	Baniwa (aruak), Tariana (aruak), Tu- kano, Desana, Kobewa, Piratapuio (tu- kano-betoya) Maku Tukuna
II — <i>Juruá-Purus</i>		Ipurinã, Paumari, Iamamadi (aruak), Marinawa, Kaxinawa, Iaminawa, Katu- kina (Pano); Katukina (katukina)
III — <i>Guaporé</i>	A	Grupos Txapakura
	B	Tupari (tupi)
	C	Nambikwara (Nambikwara)
IV — <i>Tapajós-Madeira</i>	A	Munduruku, Maué (tupi)
	B	Grupos Kawahyb (tupi)
V — <i>Alto Xingú</i>		Kamaiurá, Aueti (tupi) Waurá, Mehinaku, Iawalapití (aruak) Kalapalo, Bakairí, Kuikuro (karib) Suiá (jê) [intrusivo antigo] Juruna (tupi impuro) [intrusivo recente]
	A	Timbira, Canela, Apinayé, Kraho (jê)
	B	Xerente, Akwê-Xavante (jê)
	C	Grupos Kaiapó, Gavião (jê); Parakanã, Asuriní (tupi); Tapirapé (tupi) Karajá (isol.) — especialização Bororo (otuke) — ?
VII — <i>Pindaré-Gurupi</i>		Tenetehara: Tembê e Guajajara; Urubú- Kaapor; Guajá (tupi)



Mapa 4 — Áreas culturais indígenas do Brasil, 1900-1959.

- | | |
|----------------------|----------------------|
| I — Norte-amazônica | II — Juruá-Purús |
| III — Guaporé | IV — Tapajós-Madeira |
| V — Alto Xingú | VI — Tocantins-Xingú |
| VII — Pindaré-Gurupi | VIII — Paraguai |
| IX — Paraná | X — Tietê-Uruguai |
| XI — Nordeste | |

ÁREAS CULTURAIS	NÚCLEOS	TRIBOS
VIII — <i>Paraguai</i>		Kaduveo (mbaya); Terena (aruak)
IX — <i>Paraná</i>		Nandeva, Kaoivá, Mb"ua (Guarani)
X — <i>Tietê-Urugui</i>		Grupos Kaingang (jê)
XI — <i>Nordeste</i>		Fulniô (carnijó); Potiguara (tupi); Pankararu (pankararu); Atikum (?); Xokó (); Pataxo (pataxo); Tuxá (?); Kariri (kariri); Xukuru (?); Maxakali (maxakali).

I — NORTE-AMAZÔNICA

Faixa ao norte do rio Amazonas, entre os formadores do rio Negro, a oeste, e a costa Altântica, a leste. Região de floresta com intrusão de formações campestres.

Frente pioneira nacional de base extrativista. A coleta de produtos naturais, determinou a partir do século XVII o padrão de ocupação e exploração da área. Borracha e castanha, os principais produtos atualmente procurados. A penetração brasileira entre os rios Jari e Trombetas limita-se ao curso inferior. Os grupos indígenas permanecem aí relativamente isolados, salvo incursões ocasionais de balateiros, pelo sul, ou de negros Saramacás, pelo nordeste. Na região do rio Branco estabeleceu-se um núcleo de pecuária, de pouca penetração para o interior, afetando principalmente os índios Makuxi. Da margem direita deste rio até o Cauaboris estendem-se savanas ocupadas exclusivamente por grupos indígenas arredios, os quais somente nos últimos anos vêm sendo chamados a contacto por agentes do SPI e missionários. A parte ocidental da área, nucleada entre os rios Içana e Uaupés, foi a mais penetrada, e sua população indígena mantém contacto permanente de longa data. Essas diferenças em situação de contacto externo se refletem em aculturação mais acentuada entre os grupos ocidentais (Baniwa e Tukano) e relativa conservação de padrões tribais entre as tribos do leste e centro. Pressionados e envolvidos pela sociedade nacional, os vários grupos, não obstante diferenças de origem e de língua,

desenvolveram intenso processo de aculturação inter-tribal, de onde a homogeneidade cultural da área.

Sub-áreas e tribos — três núcleos culturais

A — Guiana brasileira — Karib

B — Savana (Rio Branco-Cauaboris) — Xirianá

C — Rio Negro — Aruak-Betoya

A — *Guiana Brasileira*. Grupos predominantes Karibs, podendo se considerar os Pianokotó-Tiriyó como o núcleo da sub-área. Parukotó-Xarúma, Warikyána, Urukuyána, Apará (karib). Wapichiyana (aruak). Na periferia oriental, culturalmente algo diferenciados estão os Oiampik, Emerion (tupis), Palikur (aruak), Galibi (karib). A oeste, numa localização intermediária entre esta sub-área e a das Savanas estão os Makuxi e Taulipang (karib).

População estimada em 8 mil índios. Aculturação inter-tribal em processo. Contactos externos variando desde isolados e intermitentes (grupos do centro) a integridos (Makuxi, Galibi, Palikur).

Cultivo da mandioca, cerâmica, trançado, tecelagem de rédes (fibras de tucum e algodão), navegação (canôas de casca), bancos. Uso do curare, mas ausência da sara-batana. Arcos, flechas e pequenos cacetes de guerra. Malocas de vários tipos, do arredondado ao retangular, usadas por um mesmo grupo. Aldeias de 20 a 30 pessoas. Sibs patrilineares, exceto pelos Warikyana, matrilineares. Religião de fundo monoteísta. Xamanismo bastante desenvolvido. Uso do paricá (*Piptadenia*) para fins rituais. Várias formas de enterramento, direto (Warikyana, Pianokotó-Tiriyó), cremação (Urukuyana), endocanibalismo (Purukotó).

B — *Savana* — Grupos Xirianá: Xirianá, Waiká, Pakidái, Waharibos localizados entre o Demeni e Cauaboris, afluentes do rio Negro. População atribuída, mais de 4.000 índios, estimativa que nos parece altamente duvidosa. Grupos Xirianá do leste mantêm contactos com os Makuxi e Taulipang. Roças de mandioca e banana. O cultivo da man-

dioca, uso de canôas e da sarabatana parecem ser empréstimos recentes. Geralmente isolados, exceto por contactos intermitentes no Uraricoera, Demeni e Cauabõris.

Seminômades com base na coleta, caça e pesca. Trançado "torcido" (twined). Grandes arcos. Uso do curare. Sarabatana atribuída a empréstimo. Casas de plano retangular ou de tipo anular, teto circular convergindo para um pátio interno, descoberto. A informação extremamente precária, dificulta a caracterização cultural dessa sub-área (*).

C — *Rio Negro* — Tribos Baniwa, Tariana (aruak); Tukano, Desana, Kobewa e grupos menores da mesma família linguística (Betoya); grupos Maku. População estimada em 3.500 índios. Aculturação cultural e linguística entre aruaks e tukanos resultante de contiguidade territorial, comércio e especialização manufatureira. Grupos aruaks como os Tariana foram tukanizados. Os Maku, possivelmente, os primitivos habitantes da região foram em grande parte absorvidos por um dos dois grandes stoks. Contactos externos variando de intermitentes a permanentes, com assimilação de parte da população aos núcleos rurais.

Cultivo de mandioca. Tecnologia semelhante à das Guianas brasileiras, variando apenas os elementos acessórios ou detalhes de forma. Cestas circulares nesta sub-área, quadrangulares na Guiana. Maior desenvolvimento na cerâmica, com dois tipos, um preto, simples, outro branco-vermelho. Uso do curare e da sarabatana. Grandes malocas de plano retangular, ocorrência de um tipo

(*) A julgar por êsses dados, os Xirianá poderiam ser enquadrados dentro do tipo Marginal interno, de Steward, e como tal, considerados em área aparte. Entretanto, preferimos incluí-los dentro da grande área norte-amazônica porque absorveram elementos culturais da Guiana brasileira e representam dentro desse espaço geográfico uma forma especial de adaptação ao ambiente das savanas. De certa forma correspondem aos Tiryó "não acessíveis", de cultura primitiva a que Frickel se refere em sua comunicação, ou aos Maku do Rio Negro, de que alguns grupos foram "tukanizados" ou "aruakizados" (cf. Galvão). Do nosso ponto de vista, interessa menos a individualização de culturas estanques que a evidência de um processo de aculturação inter-tribal.

arredondado, hoje geralmente substituídas por moradas individuais do tipo neo-brasileiro. Aldeias de 20 a 50 pessoas. Em princípio do século as malocas abrigavam tôda uma linhagem, com cêrca de 100 indivíduos. Sibs patrilineares, exogâmicos. Religião baseada num culto de ancestrais (Kobewa) e de heróis mitológicos o principal dêles, Kowai, identificado a Jurupari. Influência de idéias cristãs. Movimentos messiânicos. Xamanismo moderado. Uso de máscaras personificando sobrenaturais e de flautas sagradas, ambas defesas às mulheres. Uso do paricá (Piptadenia), ipadu (coca) e kaapi (ayahuasca) além do tabaco. Enterramento em urnas, no passado; dentro da habitação ou em cemitérios, no presente. Evidência de endocanibalismo (cinzas de ossos misturadas à chicha) no passado.

FRIKEL, PROTÁSIO

1958 — Classificação linguístico-etnológica das tribos indígenas do Pará setentrional e zonas adjacentes. Rv. Antropologia v. 6 n.º 2.

GALVÃO, EDUARDO

1959 — Aculuração indígena no Rio Negro. Bol. Museu P. E. Goeldi, n. s., Antropologia, n.º 7.

GILLIN, JOHN

1948 — Tribes of the Guianas. H. S. A. I., v. 3, pp. 799-858.

GOLDMAN, IRVING

1948 — Tribes of the Uaupés-Caquetá region. H. S. A. I., v. 3, p. 763-798.

KOCH-GRÜNBERG, THEODOR

1909-10 — Zwei Jahre unter den Indianern. Reise in Nordwest Brasilien 1903-5. — Berlin. 2 v.

MÉTRAUX, ALFRED

1948 — The hunting and gathering tribes of the Rio Negro basin. H. S. A. I., v. 3, p. 861-867.

ZERRIES, OTTO

1955 — Some aspects of Waicá culture. Anais do XXXI Cong. Int. Americanistas. São Paulo, pp. 73-88.

II — JURUÁ-PURUS

Região ao sudoeste da Amazônia, compreendendo as bacias dos rios Juruá e Purus. Zona de floresta com predominância de terras baixas.

Frente pioneira nacional de atividade extrativista, borraça e caucho os principais produtos. A exploração e ocupação da área somente tomam impulso a partir de 1860, firmando-se a partir do início do século com a intensa procura de borracha. O núcleo dessa frente é constituído por nordestinos (cearenses e maranhenses) e em menor escala por bolivianos e peruanos. A impetuosidade da ocupação levou à liquidação da maioria dos grupos indígenas ou a seu engajamento compulsório nos trabalhos de coleta.

Informação etnográfica e linguística deficientes, impedindo uma caracterização mais precisa da área. Admite-se uma subdivisão da área em dois núcleos, constituídos por tribos Aruak e Pano. Entretanto, em cada um desses núcleos, existem tribos classificadas como do tipo de cultura Floresta Tropical e como Marginais Ocidentais, localizadas nas cabeceiras do Juruá, Acre e Madre de Dios. A pouca evidência etnológica indica ocorrer entre as diversas tribos um processo de aculturação inter-tribal. Contactos extra-tribais variando de isolados, em raros casos, a

(*) Mantivemos essa área tal como nos esquemas de Steward e Murdock, por falta de informação suficiente para melhor caracterizá-la ou subdividi-la. Como adverte Métraux (1948:658) "A inclusão de tribos do Purus em uma mesma área com aquelas do Juruá pode parecer arbitrária. É provável que índios Aruak e Pano apresentem diferenças que justificassem o seu tratamento em dois capítulos. Na realidade, nossa informação é extremamente fragmentária para permitir uma delimitação mais precisa". Os primeiros dados históricos datam da segunda metade do século XIX, época em que por força da ocupação brasileira, essas tribos teriam sido obrigadas a deslocamentos e a restrição de seus territórios. Um fato, porém, queremos chamar a atenção, repete-se aí o mesmo observado por Frickel na sub-área da Guiana — tribos de um mesmo stock linguístico e habitando territórios mais ou menos contíguos, que apresentam níveis diferentes de desenvolvimento cultural. Outro é a pouca ênfase de agricultura entre tribos aruak, a par de especialização a um tipo de vida fluminícola como a dos Paumari.

permanentes ou integrados. Entre os primeiros, citam-se os Yaminawa, do alto Curanja, ainda hostis; entre os últimos, os Ipurinã, Yamamadi e Marinawa.

Tribos: Paumari, Ipurinã e Yamamadi (aruak)
 Kaxinawa, Yaminawa, Marinawa (pano)
 Grupos Dyapa (Katukina)

População: os dados muito fragmentários impedem uma estimativa para o total. Indicam, porém, ser muito reduzida.

Base de roça, porém variável a importância dos produtos cultivados. Predominância da macacheira sobre a mandioca. Grupos panos geralmente agricultores. Aruaks, Ipurinã, pequenos roçados. Paumari vivendo exclusivamente de pesca e coleta. Cerâmica de vários tipos: simples sem decoração (Yamamadi, Paumari); formas ovaladas com pintura (Ipurinã); preta com desenhos geométricos (Kaxinawa). Trançado twilled. Tecelagem de rédes (algodão e fibras), ausente entre os Paumari. Uso de veneno (provavelmente curare). Distribuição irregular da sarabatana. Canôas de casca e ubás, remo lanceolado.

Casas de vários tipos, predominando as de forma cônica ou "colmeia". Os Paumari distinguem-se por suas casas flutuantes, construídas sobre jangadas. Grupo local constituído por uma família extensa. Grupos de famílias reunidos e identificados por um nome, geralmente de um animal. Crença em um deus supremo entre os grupos pano, cujos rituais são mais simples que os do aruak. Uso de flautas de tipo semelhante ao da área norte, proibidas às mulheres. Flagelação entre os Canamari e Curina. Xamanismo. Uso de tabaco, paricá e chicha. Endocanibalismo entre os grupos pano (carne ou ossos cremados), várias formas de enterramento direto e secundário.

CAPISTRANO DE ABREU, J.

1938 — Os Caxinauas. Ensaio e estudos. Ser. 3, pp. 275-357: Rio de Janeiro.

MÉTRAUX, ALFRED

1948 — Tribes of Juruá-Purús basins. H. S. A. I., v. 3, pp. 657-686.

SCHULTZ, HERALD E CHIARA, W.

— Informações sobre os índios do alto rio Purús. Rev. Museu Paulista N. S. V. IX, São Paulo, p. 181-202.

III — GUAPORÉ

Área compreendida pelos territórios da margem direita do rio Guaporé e da parte meridional da bacia do alto Madeira. Região de mata e de cerrado, que marcam a faixa de transição do chapadão para a hiléia.

Frente pioneira de base extrativista (borracha e caucho) cuja penetração data do princípio do século. 70% das tribos foram extintas.

Levi-Strauss (1949:371) distingue duas sub-áreas, a primeira no baixo Guaporé, entre os rios Branco e Mamoré, ocupada por grupos Txapakura; a segunda, incluindo as bacias dos rios Branco, Mequenes e Corumbiara, dominada por grupos de língua provavelmente Tupi.

A — Grupos Txapakura — Pakaanovas e Urupá; os demais, geralmente mencionados na literatura como Kotemoka, Rokorona, Huanyam, Jaru, estão praticamente extintos.

B — Grupos Tupi — Aruá, Makurap, Waioró, Amniapé, Guarategajá, Kepkiriwat, Sanamaiká, Huari, Tupari. Sobrevivem apenas estes últimos. Culturalmente influenciados pelos Tupi, mas de filiação linguística incerta, estão os Jaboti e Puruborá.

Os Nambikuara divididos em vários sub-grupos, e constituindo uma unidade linguística ainda não definida, distinguem-se pela simplicidade de sua cultura, mas Levi-Strauss os considera integrados à área do Guaporé.

Estimativas de população deficientes, orçando o total em cerca de 2.000 índios. A culturação em processo, mas as relações inter-tribais se caracterizam por hostilidades. Os Parecí-Kozarini na periferia sudoeste da área parecem ser constituídos por um sub-grupo Nambikuara absorvido pelos Aruak. Contactos externos variando de isolados (Pakaanovas) intermitente (Nambikuara) e permanente (Tupari).

Cultivo de milho e amendoim. Mandioca secundária. Cerâmica simples. Ausente entre os Nambikuara orientais. Cêstas cilíndricas de talas. Bólsas de malha. Tecelagem

de rêde, exceto entre os Nambikuara. Uso generalizado de canôas entre as tribos ribeirinhas. Uso do curare para flexas. O uso da zarabatana mencionado apenas para uma tribo. Casas do tipo colmeia o mais comum. Sibs patrilineais exogâmicos. Metades. Bandas nomádicas para os Nambikuara. Crença em uma fôrça sobrenatural que pode ser manipulada pelo xaman. O uso de rapé (paricá e tabaco) para fins xamanísticos. Chicha. Enterramento direto entre alguns grupos Nambikuara; secundário (ossos).

GASPAR, FRANZ

s. d. — Tupari. Ed. Melhoramentos. São Paulo.

MÉTRAUX, ALFRED

1948 — The Chapacuran tribes. H. S. A. I., v. 3, pp. 397-406.

LEVI-STRAUSS, CLAUDE

1948 — Tribe of the right bank of the Guaporé river. H. S. A. I., v. 3, pp. 371-379.

1948 — The Nambikwara. H. S. A. I., v. 3, pp. 361-9.

ROQUETTE PINTO, E.

1938 — Rondônia. Série Brasiliana, vol. 39. São Paulo.

IV — TAPAJÓS-MADEIRA

Território entre o curso médio superior do Tapajós e o Madeira.

Zona de mata com ocorrência de campo.

Frente pioneira de base extrativista com ampla penetração em ambos os rios.

Duas sub-áreas, formadas, uma pelas chamadas tribos Kawahyb, outra pelos Mundurukú. Os Maué a noroeste da área parecem estar ligados mais a êstes últimos. Todos de fala tupi.

A — Kawahyb. Dos antigos grupos Kawahyb desalojados do Tapajós pelos Mundurukú, hoje encostados ao Madeira restam atualmente os Parintintin e os Tupi-Kawahyb (Paranáwat, Bôca Negra, Wiraféd, Tukumanfed). Incluiríamos, também, os Kajabi, localizados no Xingu.

População estimada em cerca de 500 índios. Contacto externo variando de isolado (Bôca Negra) a permanente.

Cultivo do milho e macaxeira. Farinha de milho. Cerâmica ausente entre alguns grupos. Trançado pouco desenvolvido. Tecelagem de rêde. Arco e flechas. Uso de canôa de casca. Casas abertas dos lados. Metades exogâmicas patrilineais. Famílias extensas. Alguns motivos da mitologia mostram semelhanças com os grupos jê. Tabaco desconhecido. Uso da chicha de milho. Enterramento direto.

Os Tupi-Kawahib cultivam ambas as variedades da mandioca e estão divididos em sib patrilineais localizados.

- B — Mundurukú. Os Mundurukú do rio Cururú e os chamados Campineiros do interior não se diferenciam culturalmente exceto pelo maior conservadorismo destes últimos. População estimada entre 1.000 e 1.500 índios. Primitivamente concentrados no rio das Tropas, começaram a se expandir em 1750 expulsando o Kawahyb para o Madeira. Incursionaram para o sul até território Nambikuara, e para o norte e leste alcançaram Santarém, Gurupá e possivelmente as margens do Tocantins.

Atualmente a maior parte da população vive integrada aos núcleos rurais de exploração de borracha.

Cultivo da mandioca. Cerâmica de qualidade pobre. Trançado. Tecelagem de rêdes. Casas de plano retangular e duas águas, e um outro tipo de teto cônico, hoje substituídos por moradas de modelo néo-brasileiro. Arcos, flechas, lanças, bordunas. Uso de veneno? Arte plumária extremamente desenvolvida no passado. Tatuagem do corpo e face. Metades exogâmicas. Sibs patrilineais. Sociedade de "guerreiros" com sede na casa dos homens. Culto dos ancestrais. Xamanismo. Enterramento direto e secundário.

LEVI-STRAUSS

1948 — The Tupi-Cawahib. H. S. A. I., v. 3, pp. 299-305.

MURPHY, ROBERT

1954 — As condições atuais dos Mundurucú. Publ. Inst. Antrop. e Etnol. Pará n.º 8.

NIMUENDAJÚ, CURT

1948 — The Cahahib Parintintin and their neighbors. H. S. A. I., v. 3, pp. 283-297.

H ORTON, DONALD

1948 — The Mundurucú. H. S. A. I., v. 3, pp. 271-282.

V — XINGÚ

Região compreendida entre os rios Suiá Misu, ao norte; Paranatinga, ao sul, Ronuro, a oeste; e Culisevu-Culuene, a leste, formadores do Xingú. Predominância de campos e cerrados. Florestas de galeria. Lagôas.

Território praticamente isolado até 1947 quando aí se estabeleceram os primeiros acampamentos e bases da Fundação Brasil Central. Contacto intermitente com agentes da FBC, SPI e turmas de levantamento topográfico. A via de acesso de elementos culturais não-indígenas se fazia pelo extremo sul da área, através os Bakairí (rio Paranatinga).

Tribos: Kamaiurá, Aueti (tupi); Waurá, Mehinaku, Iawalapití (aruak); Bakairí, Kuikuro, Kalapalo, Nahukwá (karib); Suiá (je); Trumai (isolado). Um grupo Juruna localizou-se recentemente pouco abaixo do Suiá-Misu, mantendo contactos intermitentes. Culturalmente diferem dos xinguanos. A oeste situam-se vários grupos de classificação incerta, denominados genericamente de Kawahyb. Ao sul e a leste estão os Xavantes, não se registrando, porém, contactos.

População de cerca de 800 índios. Apesar do isolamento, o contágio de doenças dizimou boa parte da antiga população, calculada em cerca de 3.000 por von den Steinen (1870). Algumas tribos em processo de extinção — Iawalapiti, Trumai e Aueti com menos de trinta indivíduos. As demais não atingem número muito superior a 100. Contactos inter-tribais bastante frequentes, com realização de cerimônias e jogos em conjunto.

O processo aculturativo inter-tribal fêz emergir um padrão cultural uniforme para tôdas as tribos.

Cultivo da mandioca; consumo de beiju preferencial ao da farinha. Cerâmica (especialização Waurá) de forma circular, fundo chato, bordas extrovertidas, decorada; pequenos vasos zoomorfos. Trançado pouco desenvolvido. Ausência do tipiti, substituído por esteira de compressão manual. Tecelagem de rêdes (tecido compacto para os homens, trama especial para mulheres). Arco, flechas, bordunas cilíndricas. Uso cerimonial do propulsor de flechas. Canôas de casca. Remos alongados. Casas de projeção ovalada e teto-paredes em ogiva; dispostas em círculo. Abrigam 30 a 40 pessoas. Aldeias variando entre 20 a 140 indivíduos. Família extensa, bilateral. Mitologia apresentando dois gêmeos identificados ao sol e lua. Xamanismo desenvolvido. Festa dos mortos. Uso do tabaco, ausência de bebidas fermentadas (presente entre os Juruna). Uso de máscaras de dança. Flautas cerimoniais proibidas às mulheres. Enterramento direto.

GALVÃO, EDUARDO

1949 — Apontamentos sôbre os índios Kamaiurá. Pub. Avulsas do Mus. Nac. n.º 5, pp. 31-48.

1952 — Breve notícia sôbre os índios Juruna. Rev. Mus. Paul. N. S., v. 6, pp. 469-479.

1953 — Cultura e sistema de parentesco das tribos do alto Rio Xingú. Bols. Mus. Nac. N. S. Antropologia 14. Rio.

LEVI-STRAUSS, CLAUDE

1948 — Tribes of the upper Xingú river. H. S. A. I., v. 3, p. 321-348.

LIMA, PEDRO E.

1955 — Distribuição dos grupos indígenas do alto Xingú. Anais do XXXI Cong. Int. Amer. São Paulo.

VI — TOCANTINS-XINGÚ

Área limitada ao norte por uma linha que partindo do Mearim alcança o Iriri (afluente do Xingu), a oeste pelo divisor de águas Tapajós-Xingú, a leste pelo Tocantins, e ao sul pelo

chapadão que se estende de Mato Grosso a Goiás. Zona predominantemente campestre.

Frente pioneira, pela banda oriental, de base pastoril, cuja penetração alcançou até campos de Pau d'Arco em fins do século passado. Procedência nordestina. O avanço foi lento e os contactos com a população indígena foram de natureza pacífica. Mais recentemente, mineração de ouro, diamante e cristal e exploração de borracha e castanha, com centro de irradiação partindo do Tocantins. Entre os vários centros importantes de população rural fixada ao longo desse rio destaca-se Marabá com 4.536 habitantes. Significativo da empreitada colonizadora é aí a estrada de ferro Tocantins, ligando Tucuruí a Jatobal. A penetração pelo Xingú, intensificou-se no princípio do século, orientada para a coleta de borracha e caucho. A fixação da população é restrita a uns poucos povoados sem importância, porém a ocupação caracterizou-se desde o início por contactos hostis com as várias bandas Kaiapó. Esses encontros armados irradiaram-se até o Tocantins, situação que permanece até o presente.

Esta área pode ser dividida em três núcleos —

- A — Oriental: Timbira (Canela e Apinayé)
- B — Central: Akwê (Xerente, Xavante)
- C — Ocidental: Kaiapó (Gorotire, Xikrin-Diore, Menkranotire, Kubenkrankegn)

Além dessas tribos de fala jê, são incluídas na área; Asurini, Parakanã, Tapirapé (tupi), Karajá (isolado) e Bororo (Otuke). À exceção dos dois primeiros grupos, sobre os quais se conhece muito pouco para tentar caracterizá-los, os demais apresentam diferenças em aspectos importantes de sua cultura. Os Tapirapé, encravados na linha divisória Xavante-Kaipó, são, provavelmente, uma intrusão recente. Não obstante, revelam em alguns de seus traços culturais possível influência dos grupos vizinhos: metades, grupos de praça, graus de idade e vários elementos materiais. Os Karajá, colados às margens do Araguaia,

representam um tipo de adaptação especial a um estilo de vida com base nos recursos e potencialidade do rio. Os Bororo, da periferia meridional, foram aqui incluídos provisoriamente na base de semelhanças na estrutura sócio-econômica. Possivelmente teriam ligações mais definidas com os Kaiapó meridionais, hoje extintos.

Não obstante essa divisão em três núcleos, as uniformidades que apresentam permitem uma descrição esquemática, única para toda a área.

População estimada em 12.000 índios. Contactos externos variando desde isolados (grupos Kaiapó do Xingú) a permanentes (Timbira). Marcada hostilidade inter-tribal e entre aldeias do mesmo grupo. Resistência à aculturação néo-brasileira. Entre as tribos jê da área não se observa aculturação inter-tribal ou diferenças marcantes em nível de desenvolvimento. Nota-se a difusão de um padrão básico, comum a todas as tribos. Elementos acessórios identificam e diferenciam os diversos grupos.

Cultivo de mandioca; maior ênfase no plantio de batatas, inhame (Timbira), milho (Xavante). Cerâmica; ausente entre os jê; simples, Bororo; policrômica, Karajá. Trançado "twilled" e "coiled". Tecelagem apenas de faixas. Rêdes ausentes, dormida em jiraus, catres ou esteiras. Plumaria desenvolvida. Arcos, flechas e bordunas cilíndricas ou lanceoladas. Machados semi-lunares como arma de guerra, hoje em desuso. Ausência de navegação, exceto pelos Apinayé em tempos históricos e pelos Karajá. Casas de cobertura de duas águas ou do tipo colmeia (Xavante). Residência coletiva (Apinayé, Canela, Kaiapó), individual (Xerente). Habitações dispostas em círculo ou semi-círculo, tendo ao centro uma praça central. Casa dos homens (Kaiapó, Xavante, Bororo, Tapirapé). Aldeias grandes — 400 habitantes (Canela, Kubenkrankegn), 600 (Xavante), 700 (grupo do Iriri). Organização dual: matrilineal (Canela, Apinayé, e Bororo). Graus ou classes de idade. Grupos de festa. Sociedades de função cerimonial. Corridas de toras e competições esportivas. Cerimonial bastante rico e complexo, porém de natureza marcadamente profana. Crenças em divindades de caráter solar e lunar. Xamanismo pouco desenvolvido entre os Timbira, importante entre os Kaiapó, Xerente, Bororo e Tapirapé.

Uso do fumo, mas ausência de seu cultivo pela maioria das tribos. Desconhecimento de outros narcóticos ou estimulantes. Uso de vários tipos de máscara de dança. Enterramento direto e secundário.

BALDUS, HERBERT

1944-49 — Os Tapirapé, tribo tupi no Brasil Central. Rev. Arq. Mun. São Paulo, v. XCVI-CV, CVII-CXXVII.

COLBACCHINI, ANTÔNIO E ALBISSETTI, CÉSAR

1942 — Os Bororos orientais. Brasiliana grande formato, v. 4. S. Paulo.

LIPIKIND, WILLIAM

1948 — The Carajá. H. S. A. I., v. 3, p. 179-191.

LOWIE, ROBERT

1946 — The Bororo. H. S. A. I., v. 1, pp. 419-434.

1946 — The Northwestern and Central Gê. H. S. A. I., v. 1, pp. 477-517.

NIMUENDAJÚ, CURT

1941 — The Eastern Timbira. Univ. Calif. Public. in Amer. Archaeol. and Ethn., v. LI.

1956 — Os Apinaíé. Bol. Mus. Paraense E. Goeldi, v. 12.

WAGLEY, CHARLES

1955 — The Tapirapé social and culture change, 1940-53. Anais XXXI Cong. Int. Am. São Paulo.

WAGLEY, CHARLES AND GALVÃO, EDUARDO

1948 — The Tapirapé. H. S. A. I., pp. 167-179.

VII — PINDARÉ-GURUPI

Área limitada pelos rios Pindaré e Gurupí, alcançando a oeste os rios Guamá e Capim, a leste, parte do curso do Grajaú e Mearim; confinando ao sul com o território Timbira. Zona de mata. Terra firme.

População cabôcla de atividade agrícola e extrativista (babaçú) cuja fixação e estabilização data da segunda metade do século XIX. Mineração de ouro no Maracassumé e Gurupí. Parte do território permanece, porém, inexplorado, sendo de registrar que os Urubú-Kaapor somente foram pacificados em 1928, e que os Guajá ainda permanecem arredios até o presente.

Tribos: Tenetehara (Guajajara e Tembé), Urubú-Kaapor, Guajá, e, possivelmente, remanescentes dos Amanaié e Turiwara. Tôdas de fala tupí, porém apresentando variações dialetais.

População estimada em 2.500 índios. Guajajara e Tembé em contacto permanente com a sociedade nacional. Urubú-Kaapor pacificados em 1928, ainda um tanto arredios. Guajá, dispersos em pequenas bandas, contactos esporádicos nos últimos anos. Relações inter-tribais entre Tenetehara e Urubú-Kaapor limitadas a encontros ocasionais nos postos do SPI. Os Guajá, imprensados entre êsses dois grupos, são perseguidos e hostilizados por ambos. Os dois principais grupos, não obstante partilharem de elementos básicos comuns, apresentam diferenças culturais, provávelmente atribuíveis a sua origem histórica diversa, e a fatores adaptativos. Os Urubú-Kaapor são índios da mata, enquanto os Tenetehara, preferencialmente ripuários. Os Guajá, distinguem-se já por uma diferença de nível de desenvolvimento. São nômade, vivem da caça e coleta. Como é praticamente inexistente a documentação etnográfica sôbre êles, não é possível caracterizá-los.

Cultivo da mandioca, milho, abóbora, batata dôce; uso do tipití e da farinha. Excetua-se os Guajá, coletores e caçadores. Cerâmica de tipo simples, presente entre os Urubú-Kaapor, abandonada pelos Tenetehara. Trançado pouco desenvolvido. Tece-lagem de rêdes de dormir. Plumária bastante elaborada entre os Urubú-Kaapor, praticamente abandonada pelos Tenetehara. Uso antigo de canôas de casca e ubás (Tenetehara). Casas de duas águas, abertas nos lados (Urubú), tipo néo-brasileiro (Tenetehara). Aldeias de 15 a 60 habitantes (Urubú); maiores entre os Tenetehara. Família extensa. Matrilocal (Tenetehara). Maíra, principal figura da mitologia; filhos gêmeos de Maíra. Festa do mel e do milho (Tenetehara). Cauinagens (Urubú). Xamanismo muito desenvolvido entre os Tenetehara; pouco importante entre os Urubú-Kaapor. Enterramento direto.

LOPES, RAIMUNDO

1934 — Os Tupís do Gurupí. Atas del XXV Cong. Int. Amer. La Plata, 1932, pp. 139-171.

NIMUENDAJÚ, CURT

1948 — The Turiwara and Aruã. H. S. A. I., v. 3, pp. 193-198.

NIMUENDAJÚ, CURT E MÉTRAUX, ALFRED

1948 — The Amanayé. H. S. A. I., v. 3, pp. 199-202.

RIBEIRO, DARCY

1955 — Os índios Urubús. Anais do XXXI Cong. Int. Am. São Paulo, 1954, pp. 127-158.

WAGLEY, CHARLES E GALVÃO, EDUARDO

1949 — The Tenetehara Indians of Brazil. New York.

VIII — PARAGUAI

Território situado ao sul do Pantanal matogrossense, junto às margens do rio Paraguai. Predominância de formações campestres.

Frente pioneira nacional de base pastoril e agricultora, caracterizada pelo grande latifúndio.

Tribos: Kadiueo (Mbayá-Guaikuru) e Terena-Guaná (aruak).

População estimada em 3.700 índios. Os atuais remanescentes vivem em reservas do SPI, mantendo os Kadiueo contacto permanente e os Terena, em sua maioria, integrados na sociedade regional. Historicamente essas duas tribos, culturalmente diferentes, estabeleceram uma relação simbiótica, prestando os Terena vassalagem aos Kadiueo. Hoje êsse tipo de relação foi praticamente obliterado pelos efeitos da aculturação extra-tribal.

Seguindo o padrão chaquenho, os Kadiueo organizados em bandas nomádicas dependiam para subsistência de produtos da coleta, caça e pesca. A introdução do cavalo reforçou êsse padrão de vida, ao mesmo tempo que facilitou atividades guerreiras para denominação e conquista de tribos mais sedentárias. Os Kadiueo que dominavam os Terena-Guaná, obtinham dêstes produtos cultivados. Já no século XIX e no atual, forçados a vida sedentária passaram a cultivar roçados de milho, feijão e mandioca. Trançado. Tecelagem de panos e faixas policrômicas.

Cerâmica de formas simples, mas de padrões decorativos bastante elaborados. Arcos, flechas, lanças. Hordas ribeirinhas possuíam canôas.

Abrigos simples, feitos de esteiras armadas sobre varas. Antigos acampamentos, casas dispostas em ferradura. Bandas migratórias sob a liderança de um chefe de status hereditário.

Sociedade estratificada em classes: nobres (de herança ou de título concedido), guerreiros, servos (cativos das tribos dominadas). Os Guaná partilhavam de alguns elementos chaquenhos, mas se distinguiam pela vida sedentária com base agrícola. Divisão dual, metades endogâmicas. Xamanismo. Uso do fumo e de bebidas fermentadas. Enterramento direto.

O processo aculturativo foi mais acentuado entre os Terena-Guaná, que embora mantendo um nível demográfico bastante elevado, da ordem de 3.000 índios, perderam sua autonomia econômica, modificaram o padrão de habitação, abandonaram a divisão dual em metades, e a de classes sociais, e adotaram formas de religião cristã. Entre os traços que subsistem destaca-se o xamanismo.

ALTENFELDER SILVA, FERNANDO

1949 — Mudança cultural dos Terena. Rev. Museu Paulista. N. S., v. 3. São Paulo.

BELAIEFF, JUAN

1946 — The present-day Indians of the Gran-Chaco. H. S. A. I., v. I, pp. 371-9.

MÉTRAUX, ALFRED

1946 — Ethnography of the Chaco. H. S. A. I., v. I, pp. 197-370

OBERG, KALERVO

1949 — The Terena and Caduveo of Southern Mato Grosso, Brazil. Smithsonian Inst. Institute of Social Anthropology. Publ. 9.

OLIVEIRA, ROBERTO CARDOSO

1957 — Preliminares de uma pesquisa sobre assimilação dos Terena. In Rev. de Antropologia, n.º 2, vol. 5.

RIBEIRO, DARCY

1950 — Religião e mitologia Kadiéu. Conselho Nac. Prot. Índios. Pub. 106. Rio.

IX — PARANÁ

Área encostada às fronteiras com o Paraguai e Argentina estendendo-se do sul de Mato Grosso ao Rio Grande do Sul. O rio Paraná e seus afluentes constituem o eixo dessa província. Zona de “campanha” e matas esparsas.

Exceto por alguns trechos a população nacional já se expandiu e se fixou permanentemente na área, sendo numerosos os núcleos rurais. Os três principais tipos de atividade estão aí representados pela indústria extrativa da erva-mate e de corte de madeiras, agricultura intensiva e grandes latifúndios para criação de gado.

Tribos de fala Guarani apresentam elementos comuns. Não obstante podem ser divididas em três grandes grupos — *Nandeva*: margens do alto Paraná e norte do Iguaçu; encontram-se ainda grupos no litoral paulista (Itariri e Bananal) e interior (Arariba). *Mbua*: serra de Maracaju, aldeias nos Estados de Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul e São Paulo (próximo de Itariri). *Kaiová*, sul de Mato Grosso. Diferenciados em bases linguísticas e algumas características culturais, podem entretanto, ser tratados como uma unidade.

População estimada entre 3 a 4.000 índios. Migrações de motivação messiânica levaram a dispersão em pequenos grupos e a diferentes situações de contacto e aculturação. Contactos permanentes ou já integrados. A contiguidade espacial desse grupo linguístico permitiu a formação de um patrimônio cultural comum. As diferenças entre os grupos locais foram acentuadas em tempos coloniais e ampliadas pelos movimentos migratórios (Schaden, 1954). A maior parte da população vive hoje confinada em reservas indígenas.

O milho é o produto cultivado de maior importância. Feijões e batata doce. Macaxeira. Mandioca e farinha apenas nas aldeias do litoral. Cerâmica hoje praticamente abandonada. Trançado pobre. Tecelagem de rêdes, xiripás, faixas e tipóias (algodão e croatá). Ubás, mas de modo geral navegação pouco desenvolvida ou ausente. Arcos, flechas e bodoques.

Grandes malocas de base ovalada ainda são encontradas, predominando porém estruturas do tipo sertanejo. Aldeias va-

riando entre 40 a 200 indivíduos. Famílias extensas, descendência bilateral. Chefes-pajés. Ênfase tradicional num sistema de trabalho coletivo. Aculturação religiosa de idéias e práticas cristãs. Temas míticos: incêndio, dilúvio e existência de uma "terra sem males", cuja busca levou a movimentos migratórios e messianismo. Uso do tabaco e da chicha. Enterramento em urnas ou dentro das malocas.

MÉTRAUX, ALFRED

1948 — The Guarani. H. S. A. I., v. 3, pp. 69-94.

SCHADEN, EGON

1954 — Aspectos fundamentais da cultura Guarani. Bol. Fac. Filos. Ciências e Letras. Univ. São Paulo, n.º 188, Antrop. 4.

WATSON, JAMES B.

1952 — Cayuá culture change: a study in acculturation and methodology. Am. Anthr., v. 54, n.º 2, p. 2.

X — TIETÊ-URUGUAI

Área compreendida entre o rio Tietê (São Paulo) e os territórios interiores do Paraná, Santa Catarina e a fronteira setentrional do Rio Grande do Sul. Matas, predominância da araucaria e formações campestres a oeste e ao sul.

A região é caracterizada por grande desenvolvimento agrícola, com base na monocultura cafeeira e crescente industrialização. Destaca-se, ainda, do ponto de vista de contactos de correntes povoadoras, a imigração e fixação em larga escala de colonos europeus e asiáticos, de extração recente.

Kaingang, denominação genérica que incluía historicamente tribos conhecidas como Guayana, Coroadó, Bugre, Xokleng, Tupi e Botocudo-Aweikoma. Atualmente podem ser divididos em Kaingang do Estado de São Paulo (Penapolis e Tupã), pacificados em 1910; Kaingang meridionais (Estados do sul), e Xokleng (Santa Catarina).

População estimada em 3.000 a 4.000 índios. Os núcleos indígenas que já haviam sofrido considerável desgaste nos primeiros séculos de colonização, estão atualmente impresados

não por frentes pioneiras mas por centros rurais e urbanos da sociedade nacional. A maioria participa ativamente na economia regional e vive em postos indígenas sob jurisdição direta do SPI. O processo não atuou uniformemente em todos os grupos, observando-se vários níveis de acomodação e integração. Considerável modificação e perda de elementos tradicionais.

Cultivo de roças, tradicionalmente o milho parece ter sido a cultura mais importante. Excetuam-se os Aweikoma, coletores e caçadores. Coleta de pinhão da araucaria. Cestaria de talas de taquara. Cerâmica de forma alongada ou cônica, preta, hoje abandonada. Casas variando desde o simples abrigo de uma água, de duas águas sem paredes, ao tipo maloca guarani; hoje substituídas pelas de padrão rural.

Hordas divididas em metades exogâmicas, filiação patrilinear subdivididas em mais dois grupos (Tôldo das Lontras — Baldus). Divisão em metades, e estas em três classes (Tietê, Ijuí — Nimuendajú, I:462). Cinco grupos sugestivos de antigos sibs patrilineais (Aweikoma, Henry, 1941:59, 88, 175 ss). Xamanismo pouco desenvolvido. Uso do tabaco e de bebidas fermentadas. Túmulos elevados, de forma cônica, com câmaras para enterramento em posição fetal. Cremação entre os Aweikoma. Festa dos mortos, expressão mais forte da cultura espiritual dos Kaingang (Baldus).

BALDUS, HERBERT

1937 — O culto dos mortos entre os Kaingang de Palmas. Ensaio de Etnologia brasileira. Brasil, v. 101, pp. 112-130.

HENRY, JULES

1941 — Jungle people. A Kaingang tribe of the highlands of Brazil. Virginia.

MÉTRAUX, ALFRED

1946 — The Caingang. H. S. A. I., v. 1, pp. 445-475.

XI — NORDESTE

Grupos disseminados pelos Estados de Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Bahia e Minas Gerais, numa faixa entre o rio São Francisco e o litoral. Agreste e matas.

Frente agrícola e pastoril estabelecidas de longa data. As diversas tribos e seus remanescentes estão reunidos em postos do SPI, alguns alcançando considerável população como Águas Belas, índios Fulniô, 1.264 pessoas, e Aticum, índios Aticum, 1.026 índios.

Tribos: Potiguara (tupi), Baía da Traição, Paraíba; Pancararu (pankararu), Petrolândia, Pernambuco; Fulniô (Karnijo), Águas Belas, Pernambuco; Atikum, Carnaubeira, Pernambuco; Xokó, Kariri (kariri), Pôrto Real do Colégio, Alagoas; Pataxó (pataxó), mestiçados, Itabuna, Bahia; Tuxá (?), Ilha da Viuva, Bahia; Maxakali (maxakali), Minas Gerais. Kariri, Ribeira do Pombal, Bahia.

População estimada em 5.500 índios. A maior parte vive integrada no meio regional, registrando-se considerável mesclagem, e perda de elementos culturais tradicionais, inclusive a língua. Os Fulniô são os mais conservadores.

Dados os efeitos de aculturação à sociedade nacional, diversidade de línguas e de origens, temos certa dúvida em incluir todos êsses grupos em uma única área.

Tentativamente tomamos os Fulniô como representativos, apoiando-nos em Pinto (1956:67), o qual afirma que êsses índios "estão dentro de um círculo de elementos culturais, senão idênticos, pelo menos aparentados, do qual fazem parte, provavelmente, os Pancararu, Shucuru, Tusha, os Shoco, etc.". Cultivo do milho, feijão, batata doce, mandioca. Cerâmica, especialização dos índios de Colégio Real. Cestos (Palmeira dos Índios). Bôlsas, esteiras, chapéus, sandálias, de palha de ouricuri. Trançado em quadro ou cruzado. Catre de varas para dormida. Habitação, dois tipos: "de aldeia" — tijolo e telhas; "de ouricuri" — ranchos de palha, levantados para a estação cerimonial de setembro a novembro. Organização dual já não é efetiva. Sipes patrilineais. Casamento preferencial em "classes". Festival do ouricuri, proibido a estranhos e a filhos do Fulniô com outras "raças", aparentemente ligado a culto dos ancestrais. Uma rancharia é especialmente construída para êsse fim, junto a um juazeiro sagrado. Xamanismo (defumação e toque mágico). Uso de fumo e de bebida intoxicante, a "jurema". Uso de máscaras de dança.

LOWIE, ROBERT

1946 — The Cariri. The Pancararu, The Tarairio. H. S. A. I., v. 1, pp. 557-566.

MÉTRAUX, ALFRED E NIMUENAJÚ, CÜRT

1946 — The Mashacali, Patashó and Malali linguistic families. H. S. A. I. v. 1, pp. 541-545.

MÉTRAUX, ALFRED

1946 — The Fulniô. H. S. A. I., v. 1, p. 571.

PINTO, ESTEVÃO

1935-38 — Os indígenas do Nordeste. Bras., v. 44 e 112. São Paulo.

1956 — Etnologia brasileira (Fulniô, os últimos Tapuia). Bras., v. 285.

BIBLIOGRAFIA

BENNET, WENDELL C.

1953 — New World culture history. South America. Anthropology Today, p. 211-225. Chicago.

BENNET, WENDELL C. AND BIRD, J.

1949 — Andean culture history. American Museum of Natural History. Handbook series n.º 15. N. Y.

COOPER, J.

1942 — Areal and temporal aspects of aboriginal South American culture. In Primitive Man, v. XV, n.º 1-2.

FRICKEL, PROTÁSIO

1959 — Os Tiriyo (Notas preliminares). Bol. Museu Goeldi, N. S., Antropologia, 9, Belém.

GALVÃO, EDUARDO

1953 — Cultura e sistema de parentesco das tribos do alto Rio Xingú. Bol. Museu Nac. N. S. Antropologia 14. Rio.

GREENBERG, J.

1957 — Essays in Linguistics, New York, pp. 66-85.

KROEBER

1923 — Anthropology. New York.

1948 — Anthropology. New York. 2nd ed. rev.

MATOSO CAMARA JR. J.

1959 — Classificação das Línguas Indígenas do Brasil. MS. Comunicação à IV Reunião Bras. Ant., Curitiba.

MEGGERS, BETTY J. AND CLIFFORD EVANS

1955 — Preliminary results of archaeological investigations in British Guiana. Timehri n.º 34. British Guiana.

MURDOCK, G. P.

1951 a — South American culture areas. *Southwestern Journ. of Anthropology*, v. VII, n.º 4.

1951 b — Outline of South American Cultures. *Behavior Science Outlines*, vol. II, New Haven.

NIMUENDAJÚ, CURT

1948 — Handbook of South American Indians, v. 3. B. A. E., Bul. 143, Washington

RIBEIRO, DARCY

1957 — Culturas e línguas indígenas do Brasil. *Educação e Ciências Sociais*, v. 2, n.º 6. Rio.

ROQUETTE PINTO, E.

— Rondônia. *Série Brasileira*, vol. 39. São Paulo. 1938.

ROWE, L.

1953 — Negative and positive criteria in setting up culture areas. *An Appraisal of Anthropology Today*. Ed. Sol Tax and others. Chicago.

STEWARD, JULIAN

1948 — Handbook of South American Indians. B. A. E. Bul. 143, vol. 3. Washington.

1949 — *H. S. A. I.*, v. 5.

1955 — Theory of cultural change. University of Illinois Press. Urbana.

STEWARD, J. E. FANON, L. C.

1959 — Native Peoples of South America. New York.

STOUT, D. B.

1938 — Culture types and culture areas in South America. *Acad. Sc. Arts and Letters. Pap.*, v. 23, pp. 73-86. Michigan.

STRONG, W. D.

1933 — The Plains area in the light of archaeology. *AA*, v. 3, n.º 2.

WISSLER, CLARK

1938 — The American Indian.

NOTA — O presente trabalho já se encontrava na imprensa quando o Autor recebeu o artigo de Betty Meggers e Clifford Evans — "Identificação das áreas culturais e dos tipos de cultura na base da cerâmica das jazidas arqueológicas". *In* Arquivos do Museu Nacional, vol. XLVI; 9-33, 4 est., Rio. — em que se analisa o equacionamento de níveis de desenvolvimento cerâmico "com as áreas de cultura da Floresta Tropical, Circuncaríbia e Andina e com os respectivos níveis de desenvolvimento cultural, na classificação de Steward" (op. cit. :30).